

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAIQUEL JOSÉ SELEPRIN

EXISTE CONHECIMENTO A *PRIORI* OU TODO O CONHECIMENTO SE DÁ A
POSTERIORI?

PRUDENTÓPOLIS

2018

MAIQUEL JOSÉ SELEPRIN

EXISTE CONHECIMENTO A *PRIORI* OU TODO O CONHECIMENTO SE DÁ A
POSTERIORI?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em O Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Noronha Machado

PRUDENTÓPOLIS

2018

RESUMO

O presente trabalho se propõe a ser um plano de ensino para trabalhar a temática sobre a fonte do conhecimento humano, de forma a levar o aluno do Ensino Médio a refletir se a fonte do nosso conhecimento é *a priori* ou se o conhecimento se dá de forma *a posteriori*. Para dar cabo desse nosso plano, propomos um roteiro com seis aulas. Na primeira, que tem o propósito de ser uma aula introdutória da temática, trabalhar-se-á a questão do Ato de Conhecer. Nas aulas dois, três, quatro e cinco, levaremos o aluno ao contato com alguns filósofos que escreveram acerca do tema, a saber, René Descartes, John Locke, Immanuel Kant e Willard van Orman Quine. E, por fim, na sexta e última aula, o aluno será convidado, ele próprio, a se posicionar acerca do assunto estudado, ou seja, escolher entre qual fonte considera a mais coerente. Este plano de ensino, produzido no curso de especialização *O ensino de filosofia no Ensino Médio*, tem o intuito de ser uma ferramenta para, junto ao aluno de filosofia do Ensino Médio, refletir acerca da Teoria do Conhecimento.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia. Teoria do Conhecimento. Ensino Médio.

ABSTRACT

The present work proposes to be a teaching plan to work on the thematic about the source of human knowledge, in order to lead the High School student to reflect if the source of our knowledge is *a priori* or if the knowledge is given form *a posteriori*. In order to carry out our plan, we propose a script with six classes. In the first one, which has the purpose of being an introductory class of the theme, it will be work the question of the act of knowing. In classes two, three, four and five, we will take the student to the contact with some philosophers who wrote about the subject, namely René Descartes, John Locke, Immanuel Kant and Willard van Orman Quine. And finally, in the sixth and last class, the student will be invited, himself, to take a position on the subject studied, that is, to choose between which source considers the most coherent. This teaching plan, produced in the course of specialization *The teaching of philosophy in High School*, aims to be a tool to reflect, together with the student of philosophy of High School, about the Theory of Knowledge.

Keywords: Teaching Philosophy. Theory of Knowledge. High school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 PROBLEMA.....	06
3 JUSTIFICATIVA.....	07
4 METODOLOGIA.....	08
5 RECURSOS DIDÁTICOS.....	12
6 REFERÊNCIAS.....	12

1 INTRODUÇÃO

Sempre que o ser humano se vê diante de algo - objeto, fenômeno, problema – desperta em seu interior a necessidade de saber/conhecer. Em se tratando da filosofia, não poderia ser diferente. Quando nos perguntamos sobre a essência da filosofia, ou seja, “o que é a filosofia?”, estamos batendo à porta almejando saber/conhecer o que ela seja. Mas além do desejo de saber o que ela seja, também desejamos saber qual o seu objeto de estudo, quais as suas divisões, entre outras coisas. Como uma resposta para a pergunta sobre a essência da filosofia, podemos utilizar aquela dada por Johannes Hessen “a filosofia é a tentativa do espírito humano de atingir uma visão de mundo, mediante a autorreflexão sobre suas funções valorativas teóricas e práticas.” (HESSEN, 2000, pág. 10).

Ao adentrarmos um pouco mais no universo da filosofia, descobrimos que a filosofia se debruça sobre as mais diversas áreas do conhecimento humano. Dentre essas áreas encontramos a parte da filosofia que reflete sobre o conhecimento, a qual denomina-se Teoria do Conhecimento. Quando tratamos da questão do conhecimento, infalivelmente caímos na questão acerca do conceito de verdade. Em outras palavras, surge a pergunta: “Em que consiste a verdade do conhecimento?” A resposta mais utilizada para responder a essa pergunta é de que a verdade do conhecimento consiste na perfeita relação entre a “figura/imagem” que o sujeito faz do objeto com o objeto em questão. Entretanto, essa resposta nos dá margem a uma outra pergunta acerca da forma como apreendemos o conhecimento: “Somos realmente capazes de apreender o objeto em sua totalidade?” Essa pergunta desloca o eixo da nossa reflexão acerca do conhecimento, onde saímos da reflexão acerca da veracidade do conhecimento para questionarmos quem é o sujeito do conhecimento, ou seja, aquele sem o qual o conhecimento não existiria.

Olhando com mais atenção para o sujeito cognoscente, notamos que ele possui uma estrutura dualista. De um lado, o ser humano é um ser sensível e, por outro, um ser espiritual. Essa dualidade nos permite afirmar que existe um conhecimento *sensível* e um conhecimento *espiritual*, onde a fonte do primeiro é a experiência e a fonte do segundo é a razão. Chegamos assim a questão central acerca do nosso trabalho: “Qual a fonte do nosso conhecimento?” De um lado temos a experiência e de outro a razão.

2 PROBLEMA

Existe conhecimento *a priori* ou todo o conhecimento se dá *a posteriori*?

3 JUSTIFICATIVA

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Filosofia, a *Teoria do Conhecimento*, como conteúdo, possui como objetivo a reflexão sobre a *Verdade*, sobre as *possibilidades do conhecimento* e sobre *as origens do conhecimento*. Partindo desta caracterização do conteúdo estruturante *Teoria do Conhecimento* e da importância da reflexão acerca do conhecimento, esta sequência de aulas visa aproximar os alunos da filosofia e da reflexão que está fazendo sobre a temática do conhecimento humano, em especial, sobre a origem do conhecimento.

Quando olhamos para a história da filosofia, percebemos que a preocupação dos filósofos com a questão do conhecimento tem ocupado os filósofos ao longo de toda a história da filosofia. Na Grécia Antiga, um dos principais filósofos a se ocupar dessa temática foi Platão. Para Platão, a opinião está ligada à experiência dos sentidos, ao mundo sensível, ao passo que o conhecimento é fruto da atividade racional, ou seja, do contato da nossa alma com as ideias, as quais se encontram no mundo inteligível. Para Aristóteles, aluno de Platão, o conhecimento surge da nossa experiência com o mundo sensível. Podemos perceber que nessa época surge um dualismo a respeito da fonte do conhecimento: a experiência ou as ideias são a fonte do conhecimento?

Na idade média, vemos esse dualismo aparecer em dois dos principais filósofos desse período. Primeiramente com Santo Agostinho, o qual seguiu a tradição platônica, ou seja, defendeu a orientação racionalista. O outro foi Tomás de Aquino, o qual, a partir da descoberta dos escritos de Aristóteles, defendeu que a partir dos dados dos sentidos, pode-se abstrair de cada objeto a sua essência.

Na modernidade o debate acerca das fontes do conhecimento se intensificou. O primeiro filósofo a desenvolver uma teoria acerca da fonte do conhecimento foi René Descartes. Descartes, defensor do racionalismo, admite que a Razão é a fonte do nosso conhecimento, que o nosso conhecimento se dá de forma *a priori*, ou seja, sem que haja necessidade do contato direto com os objetos sensíveis. De outro lado, encontramos o filósofo inglês John Locke, que defende a necessidade dos objetos sensíveis, da experiência empírica para chegarmos ao

conhecimento. Segundo ele, o ser humano nasce como uma *tábula rasa*, ou folha em branco e à medida que o ser humano vai expandindo a sua experiência com os objetos, conseqüentemente aumenta o seu conhecimento.

Esse impasse entre Racionalismo e Empirismo perdurou por mais de 100 anos e parecia ser inconciliável. Immanuel Kant, filósofo alemão do século XVIII, propôs uma solução para esse impasse acerca da origem do conhecimento. Ao propor o Criticismo, teoria que admite que podemos chegar a verdade tanto pela inteligência inata, racional, quanto através dos sentidos, da experiência, Kant consegue unir as teorias de Locke e Descartes e superar o impasse acerca da fonte do conhecimento.

Por fim, no século XX, o filósofo norte americano Willard van Orman Quine, em seu ensaio *Epistemologia Naturalizada*, reflete sobre os muitos obstáculos encontrados pelos filósofos tradicionais para justificar o fundamento do conhecimento, o que o leva a abandonar essa pretensão de justificar o fundamento do conhecimento. De forma a “fugir” de uma investigação filosófica *a priori*, a exemplo de Kant, Quine torna a investigação acerca da origem do conhecimento em uma ciência empírica *a posteriori*. Ou seja, Quine acredita na impossibilidade de um conhecimento *a priori*, trazendo a filosofia e as suas reflexões para o plano das demais ciências empíricas.

4 METODOLOGIA

A temática acerca da origem do conhecimento será trabalhada de três formas diferentes, entretanto, interligadas: a problematização, a investigação e a criação de conceitos. A reflexão acerca da origem do conhecimento, visa propiciar ao aluno uma apreensão da maneira como os filósofos, ao longo da história, procuraram fornecer respostas para a questão e fornecer ao aluno ferramentas para ele próprio elaborar o seu raciocínio sobre o tema, de forma a criar o “seu” conceito. A abordagem será realizada por meio de aulas expositivas e dialogadas, com leituras dirigidas e complementares de textos (os textos aos quais me refiro serão apresentados em cada aula). Os alunos serão avaliados desde a sua participação nos diálogos ao longo das aulas, suas respostas aos questionários propostos e, na parte final do programa, na elaboração de um texto dissertativo argumentativo. Para a efetivação de nosso plano de ensino, nos utilizaremos de 6 aulas de 50 min. A divisão será da seguinte forma:

1ª aula: O Ato de Conhecer

Num primeiro momento será feita a exposição da temática a ser trabalhada ao longo das aulas, ou seja, a origem do conhecimento. No momento seguinte, perguntar-se-á aos alunos acerca do entendimento que possuem sobre a origem do conhecimento. Após o mapeamento acerca do grau de compreensão do conceito, de forma expositiva, trataremos da definição do que é o conhecimento. Para tratarmos desse tema usaremos o texto de Alexandre N. Machado, *Definição Tradicional de Conhecimento* (Disponível em: <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/definicao-tradicional-de-conhecimento.html>) e também de slides. Ao final da exposição, os alunos terão que responder às seguintes perguntas: qual a definição tradicional de conhecimento? e como o filósofo Edmund Gettier se contrapõe a essa definição tradicional?

A expectativa de aprendizagem dessa primeira aula está em introduzir os alunos para a compressão do que seja o conhecimento e de como se dá, na prática, o contato do ser humano com o mundo à sua volta.

2ª aula: O racionalismo

Iniciar a aula com uma revisão do que foi abordado na aula anterior a partir das duas questões propostas. Após este momento, introduzir o estudo do racionalismo de René Descartes. Essa introdução partirá da exibição do vídeo sobre a vida e obra de Descartes, do prof. Andrei Venturini (<https://www.youtube.com/watch?v=FhB8aoqzPEY>). Apresentar aos alunos, por meio de slides, o que é o racionalismo com o objetivo de esclarecer que o racionalismo é a tese segundo a qual a razão pode autonomamente produzir conhecimento. Na terceira etapa da aula, realizar-se-á a leitura de dois fragmentos: o primeiro, intitulado *Ceticismo*, de Alexandre N. Machado (Disponível em: <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/ceticismo.html>) e o segundo fragmento, o argumento do *cogito*, a segunda meditação, os parágrafos 1-7 (DESCARTES, 1994, p. 124-126). Para a realização da leitura, os alunos serão convidados a dividir em grupos de 3 ou 4 componentes. Realizada a leitura, será feito um debate acerca dessas questões: O que levou Descartes a formular os argumentos céticos? De que forma podemos caracterizar o “ceticismo” de Descartes? e como o argumento do cogito, proposto por Descartes, pode ser um primeiro passo para a refutação desse ceticismo?

Espera-se com essa aula sobre o racionalismo de Descartes, permitir aos alunos uma apreensão do conceito e apresentar uma das teorias acerca da origem do conhecimento, a qual

postula a origem do conhecimento como sendo *a priori*, ou seja, anterior à experiência com os objetos do mundo.

3ª aula: O Empirismo

Iniciar a aula retomando o assunto sobre o racionalismo e sinalizar que a aula presente tratará de uma posição distinta da apresentada por Descartes. Para esta aula nos utilizaremos de alguns slides, um vídeo e de fragmentos de textos. Primeiramente, através do uso do quadro e giz, será feita uma exposição acerca do conceito de Empirismo e uma referência aos principais filósofos empiristas, destacando Francis Bacon, David Hume e John Locke. Em seguida, será exibido um vídeo sobre o filósofo John Locke (<https://www.youtube.com/watch?v=d4MtEiorFLQ>) e, através de slides, uma exposição sobre quem foi John Locke – biografia, bibliografia com os principais escritos – e da sua posição empírica acerca da origem do conhecimento. Para dar cabo da posição empírica de Locke, nos utilizaremos de dois fragmentos do livro *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. A leitura será feita de forma individual e silenciosa. O primeiro fragmento, que consiste na leitura dos parágrafos 1-9, do capítulo I, do livro I (LOCKE, 1999, p. 37-40), trata de mostrar que o princípio de que o conhecimento é inato é falso. O segundo fragmento do qual nos utilizaremos é o capítulo I, do livro II (LOCKE, 1999, p. 57-62), onde se lê sobre a origem das ideias, origem esta que ligada à sensação. Realizada a leitura, os alunos serão convidados a fazer um quadro comparativo acerca das características do racionalismo e das características do empirismo.

Ao final dessas três primeiras aulas, espera-se que o aluno tenha alcançado a compreensão do que seja o conhecimento e consiga fazer a diferenciação entre a corrente filosófica que admite o conhecimento como algo inato ao ser humano, o racionalismo e a corrente filosófica que defende que a sensação, o contato com o mundo, é a fonte primária de nosso conhecimento, o empirismo.

4ª aula: O Criticismo

A aula iniciará com a retomada do quadro comparativo produzido na aula anterior. Após essa retomada, será exibido um vídeo sobre a revolução que Kant fez na filosofia (<https://www.youtube.com/watch?v=2-HlwkOBueE>). A partir do uso de slides, apresentaremos a biografia e a bibliografia principal desse grande filósofo alemão. Feita a apresentação e destacado a importância de Kant para a filosofia, iniciaremos a parte da aula que tratará da contribuição dada por ele para a reflexão acerca da origem do conhecimento. Para tanto, usaremos em nossa aula alguns trechos da “Introdução” à *Crítica da Razão Pura*, (KANT,

2001, p. 62-71) onde Kant apresenta as questões fundamentais sobre a possibilidade do conhecimento, a respeito das noções de *juízo analítico*, *juízo sintético* e *juízos sintéticos a priori*. A leitura será realizada de modo coletivo. Ao final da leitura e após os devidos esclarecimentos acerca de cada um dos conceitos, será apresentada aos alunos a seguinte questão: de que forma Kant caracteriza a diferença entre conhecimento empírico e conhecimento puro?

A expectativa de aprendizagem para esta aula está em levar o aluno a apreender o conceito de Criticismo e, também, fazer o aluno atentar para o trabalho realizado pelo filósofo, ou seja, como este se apropria do conhecimento de outro(s) pensador(es) para daí elaborar a sua própria compreensão da realidade.

5ª aula: A Epistemologia Naturalizada

A nossa última aula, acerca da temática da origem do conhecimento, tratará da teoria do filósofo norte americano Willard van Orman Quine. Na primeira etapa da aula, através do uso de slides, apresentar-se-á a biografia do filósofo. Na sequência, será feita a exposição, no quadro, do projeto levado a cabo por ele, ou seja, a tentativa de superar a epistemologia tradicional levada a cabo pelos filósofos tradicionais – Kant, Descartes, Hume – a qual ele considera fracassada, e a necessidade de substituí-la por uma nova epistemologia, a qual ele chamará de “naturalizada”. Para auxiliar no entendimento da epistemologia naturalizada de Quine, nos serviremos de parte do texto escrito por Jaimir Conte, *A epistemologia naturalizada de Quine e o ceticismo*, (Disponível em: <http://conte.prof.ufsc.br/txt-quine.pdf>), mais especificamente a parte 2, intitulada *A epistemologia naturalizada*. Após a leitura e respondidas as dúvidas que os alunos possam vir a ter, serão propostas as seguintes questões para ser respondidas: O que teria levado as epistemologias tradicionais ao fracasso e como a epistemologia naturalizada, proposta por Quine, consegue superar esse fracasso e fazer avançar o debate acerca das questões ligadas ao conhecimento.

A expectativa de aprendizagem para esta aula consiste em levar os alunos a compreender a contribuição de Quine à teoria do conhecimento, a perceber o ponto de ruptura de uma tradição, que começou em Descartes e culminou em Kant, e como a filosofia, enquanto disciplina teórica, possui a necessidade de se reinventar para dar conta de explicar os problemas que assolam o espírito humano.

6ª aula: Considerações finais e encaminhamento da avaliação final.

Chegada à última aula, faremos uma revisão das teorias abordadas ao longo das aulas. Para tanto, no usaremos do quadro e de giz. Feita a revisão será feito o encaminhamento para o trabalho final. Sempre lembrando que estamos trabalhando com alunos da 1º série do ensino médio, os quais estão tendo o seu primeiro contato com a disciplina de filosofia. O trabalho final consistirá na produção de um artigo, o qual não deverá ultrapassar 5 páginas, onde cada aluno deverá discorrer sobre qual das teorias trabalhadas julga ser a melhor para dar conta de responder à temática das aulas, a saber, se o conhecimento se dá de forma *a posteriori* ou de forma *a priori*.

O objetivo geral dessa temática acerca do conhecimento, está em propor aos alunos uma reflexão acerca da origem do nosso conhecimento. Espera-se que ao longo das aulas, o professor que ministrar as aulas, não manifeste a sua opinião acerca do assunto, de forma que o aluno possa fazer a sua própria reflexão e, a partir dessa discorrer livremente sobre o tema.

5 RECURSOS DIDÁTICOS

Para nos guiar ao longo das aulas, utilizaremos como recursos didáticos slides, vídeos, quadro e giz, fragmentos de textos e questionários acerca dos assuntos abordados em cada aula.

6 REFERÊNCIAS

CONTE, Jaimir. **A epistemologia naturalizada de Quine e o ceticismo**. Disponível em: <www.conte.prof.ufsc.br/txt-quine.pdf> Acesso em: 16 de maio de 2018.

DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LOCKE, John. **Ensaio Acerca do Entendimento Humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MACHADO, Alexandre N. **Ceticismo**. Disponível em: <www.problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/ceticismo.html> Acesso em: 16 de maio de 2018.

MACHADO, Alexandre N. **Definição Tradicional de Conhecimento**. Disponível em: <www.problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/definicao-tradicional-de-conhecimento.html>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

QUINE, Willard. **Epistemologia naturalizada**. In: QUINE, Willard. **Relatividade ontológica e outros ensaios**. São Paulo: Abril Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores).

SEED/PR. **Diretrizes Curricular de Filosofia**. Curitiba: 2008.